

LITERATURA ORAL E POPULAR

Um grupo de trabalho e de intercâmbio¹

Histórico

O Grupo de Trabalho Literatura Oral e Popular foi criado em dezembro de 1985, durante o primeiro encontro nacional da ANPOLL, em Curitiba, por sugestão da professora Idelette Muzart Fonseca dos Santos. Assim, o **GT de Literatura Oral e Popular** está entre aqueles criados e postos em funcionamento antes mesmo de serem elaboradas as normas de criação e funcionamento dos grupos de trabalho.

Começou a funcionar, de fato, sob a coordenação da professora Idelette, no encontro do Rio de Janeiro (20 a 24/05/88). Nessa primeira reunião, o programa incluía comunicações e debates, organização e papel do GT. Após a primeira sessão, em que se começou a discutir o que se esperava do GT e o modo de organização desejável, foi decidido, por unanimidade das oito pessoas presentes, dar prioridade ao debate, em que se discutia a existência e o modo de funcionamento do GT. Entre os presentes se encontravam, além da coordenadora, dois dos participantes permanentes do GT, Bráulio do Nascimento e Jerusa Pires Ferreira, e o convidado e conselheiro-mor do GT, Boris Schnaiderman. As decisões então tomadas forneceram a base para o crescimento e a consolidação GT e continuam em vigência. São elas:

- aproveitar a limitação numérica do grupo, decorrente de sua especificidade temática Literatura Oral e Popular, ainda considerada marginal e até ignorada em vários cursos de Pós-Graduação, para estabelecer relações e intercâmbios de informação e trabalho entre os pesquisadores;
- multiplicar as ocasiões de encontro e de reflexão em comum dos membros do GT, dentro e fora da ANPOLL;
- promover a pesquisa em literatura oral e popular através de ações, de cursos de curta duração, ciclo de conferências etc., de modo a ampliar o pequeno grupo de “aficionados” e divulgar os trabalhos realizados.

¹ Este relato, da responsabilidade da então vice-coordenadora do GT, Profa. Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, tomou por base o texto de igual nome de autoria conjunta com a Profa. Idelette Muzart Fonseca dos Santos e publicado no Boletim Informativo, nº 19, da ANPOLL, em 1994.

O IV Encontro, em São Paulo (26 a 28/07/89), foi extremamente frutífero para o GT. Aprimorou-se a organização do encontro que, daí em diante, seria estruturado em torno de um ou dois temas, escolhidos a partir de sugestões da coordenação e dos participantes, sem recusar, contudo, as comunicações livres, e também se deixando espaço para relatos e discussões das pesquisas em curso. O número de membros do GT cresceu e começou a diversificar-se, manifestando uma nítida tendência à pluridisciplinariedade que se confirmou nos anos seguintes.

Em Recife, o V Encontro (25 a 27/07/90), permitiu reunir numerosos participantes oriundos de universidades da região Nordeste, em particular da Paraíba e da Bahia, onde estão situados vários grupos de pesquisa em literatura oral e popular. O GT contou com a participação de dois antropólogos convidados, traduzindo a vontade de abertura a outras disciplinas.

No VI Encontro em Florianópolis (13 a 15/05/91), de natureza político-administrativa, só pra coordenadores, já dentro da reformulação aprovada no V Encontro de Recife, o GT participou da discussão e avaliação do papel dos GTs.

O VII Encontro, em Porto Alegre (17 a 20/05/92), teve uma participação numérica mais reduzida (muitos membros nordestinos do GT não tinham conseguido passagem de suas universidades), mas, apesar disso, foi considerado de alta qualidade não apenas o funcionamento do GT, como grupo de trabalho, mas também o nível de debate e as resoluções tomadas. Foram estabelecidos critérios e montados os esquemas para a realização de um Encontro regional e a visita de um especialista estrangeiro.

No VIII Encontro, na pousada do Rio Quente – GO (30/05 a 02/06/93), o GT de **Literatura Oral e Popular** foi um dos proponentes da reformulação dos estatutos da ANPOLL (proposta apresentada à assembléia do Encontro de Porto Alegre, pela professora Idelette), visando estender aos coordenadores de GT o direito de voto. Também foi contribuição deste GT a proposta aprovada de definição de critérios para ingresso de pesquisadores nos GTs.

No IX Encontro, em Caxambu-MG (12 a 16/06/94), consolidou-se a tendência de um trabalho interdisciplinar, iniciado em 90, no Encontro de Recife, com a participação de pesquisadores de outras áreas – a psicanálise e a sociologia, por exemplo, estiveram representadas. Tendo em vista a importância da transcrição grafemática do texto oral, foi realizado um fórum inter-GTs: Literatura Oral e Popular e Sociolinguística.

Participantes

O número de membros do GT sempre foi reduzido. Embora em cada Encontro aparecessem interessados, poucos se integraram realmente ao GT. O grupo de Trabalho conta atualmente com 22 membros. Com a entrada de novos membros, no último Encontro em Caxambu, passou a haver no GT um equilíbrio na distribuição de pesquisadores por região, que antes era predominantemente nordestino. Assim, com a filiação desses membros, o GT de Literatura Oral e Popular se estende de norte a sul do Brasil estando assim configurado:

Pará: 01 membro

Bahia: 06 membros

Fortaleza: 01 membro

Rio de Janeiro: 01 membro

Paraíba: 06 membros

São Paulo: 05 membros

Pernambuco: 01 membro

Caxias do Sul: 01 membro

Essa distribuição regional, no início desigual, traduziu-se na escolha das coordenadoras: Paraíba e Bahia dividiram nos primeiros anos a responsabilidade da coordenação do GT. Só recentemente, no último Encontro em Caxambu, a coordenação passou para São Paulo, com vice da Bahia.

Balanço

O balanço desses anos de trabalho em comum é positivo e comprova-se de várias maneiras:

- Cursos, a nível de graduação e pós-graduação, e conferências foram realizados por integrantes do GT em diversas instituições. A exemplo de Bráulio do Nascimento, em várias oportunidades e lugares; Idelette Muzart Fonseca dos Santos, na Bahia (1986) e em São Paulo (1992); Jerusa Pires Ferreira, na Paraíba, na Bahia entre outros lugares. Ainda na Bahia, as professoras Maria del Rosário Albán, Doralice Alcoforado e Edil Silva Costa vêm promovendo a interiorização do estudo da literatura popular com palestras e cursos em universidades do Estado. Inicia-se também um intercâmbio com a Secretaria de Educação e Cultura, através do projeto “Quem conta um conto...”, que leva para as salas de aula da rede pública estadual baiana textos recolhidos pelo Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular.

- Encontros regionais foram promovidos por equipes locais com o apoio científico e a participação do GT, tornando-se ocasiões privilegiadas para o intercâmbio de informação e

de conhecimento das pesquisas desenvolvidas. O Encontro Regional de Literatura Oral e Popular, realizado em Salvador (25 a 27/11/92), pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, foi, a este respeito, exemplar: permitiu a participação de numerosos bolsistas de iniciação científica e aperfeiçoamento do CNPq, atuando nos projetos desenvolvidos na UFBA e UFPB, bem como a participação efetiva dos membros do GT, além da participação dos professores Boris Schnaiderman e Pere Ferré, da Universidade Nova de Lisboa, especialmente convidados para esse evento.

- O estudo e a pesquisa da literatura oral. Deve-se a Bráulio do Nascimento, que já atuava antes da criação do GT como consultor em vários dos projetos desenvolvidos na Paraíba e na Bahia, a Jerusa Pires Ferreira e Idelette Muzart Fonseca dos Santos, que tiveram importante participação em cursos, projetos e em comissões examinadoras de dissertações na área, a disseminação do estudo e da pesquisa da literatura oral e popular no Brasil.

- Contatos internacionais. Nesse plano também o GT desempenha um papel importante de troca de informações entre pesquisadores, a exemplo do que vem acontecendo com o atual Centro de Tradições Populares Portuguesas, da Universidade de Lisboa, e com o Seminário Menéndez Pidal, em Madrid. Os convites a visitantes estrangeiros são compartilhados de maneira a conseguir financiamento do CNPq ou justificar a vinda ao Brasil junto a órgãos de financiamento do exterior. Foi assim que se conseguiu, nos últimos anos, a vinda ao Brasil de Paul Zumthor, Manuel Viegas Guerreiro, João David Pinto Correia, Pere Ferré e Jean-Claude Bouvier.

- Desenvolvimento da área. Ao ser criado em 1985, o GT aparecia, aos olhos de alguns pesquisadores em Literatura Brasileira, como “coisa de nordestinos”. Em 1990, ao realizar para o CNPq uma avaliação da área de Letras, Nadia Gotlib citava Literatura Oral e Popular entre as linhas de pesquisa que tiveram o maior crescimento nos últimos anos, junto com crítica Genética e Literatura Comparada. O GT desempenhou um papel importante nesse crescimento, facilitando os encontros e as articulações entre pesquisadores e universidades.

Problemas e perspectivas

Se o balanço é incontestavelmente positivo, os problemas são numerosos, e a sua solução, infelizmente, independe da vontade dos membros do GT.

O mais grave problema que condiciona a continuidade da pesquisa e a expansão do próprio GT diz respeito à falta de verbas para a pesquisa e para a publicação dos trabalhos apresentados nos encontros. A limitação do número de páginas por GT, quando da publicação

dos anais, não permite a inclusão de todos os trabalhos apresentados. As soluções pensadas – publicação independente em pré-print, em revistas ou em cadernos e suplementos literários – na prática, não se têm mostrado menos difícil. Apesar disso, um número monotemático da revista *Estudos: lingüísticos e literários*, do Mestrado em Letras da UFBA, publicou os resultados da pesquisa do romanceiro tradicional em Salvador; um número especial, dedicado à literatura popular, da *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, sediada em Lisboa, foi publicado em 1983, onde saiu grande parte dos trabalhos do GT apresentados no encontro de 90.

Não se evocou aqui os múltiplos problemas ligados ao não financiamento para projetos de pesquisa pelo CNPq, nos últimos anos, fato que tornou os grupos de pesquisadores mais pobres e totalmente dependentes de universidades cada vez mais pobres, ou de Fundações de Apoio à Pesquisa inativas. Embora o apoio que o CNPq vem dando aos projetos através de bolsas de IC e AP seja importante, o auxílio à pesquisa é vital para a continuidade da pesquisa de campo.

Por fim, vale ressaltar a importância e a função do GT na difusão do estudo e na integração da pesquisa científica da literatura oral e popular, com objetivos e metas comuns em várias regiões do Brasil, o que tende a consolidar uma linha de pesquisa antes desenvolvida por iniciativas individuais e desarticuladas. O GT aos pouco vem difundindo uma consciência da necessidade de preservar a memória oral como um dos elementos constituintes da identidade cultural.